

**“OS FANTÁSTICOS LIVROS VOADORES DE MODESTO MÁXIMO”: A COGNIÇÃO ENTRE A LEITURA DO VÍDEO E A LEITURA DO TEXTO**

*Elesandra Rodrigues Dias Ferraz (UEMS)*

[elesandra.rodrigues@yahoo.com.br](mailto:elesandra.rodrigues@yahoo.com.br)

*Volmir Cardoso Pereira (UEMS)*

[volmircardosop@gmail.com](mailto:volmircardosop@gmail.com)

**RESUMO**

A aquisição do conhecimento através da leitura é um desafio para os alunos que ainda estão em fase de alfabetização. O aluno que está em processo de alfabetização tem muitas dificuldades na leitura, ainda não conhece a pontuação e não tem entonação e é por essa razão que a leitura diária de livros, poesias e textos diversos, feita pelos professores, é essencial. Junto a isso alguns recursos são indispensáveis, como é o caso do vídeo em sala de aula. Assim o objetivo desse artigo é apresentar uma sequência didática com o filme e o livro *Os Fantásticos livros voadores de Modesto Máximo* (2012), elaborada para verificar o grau de compreensão dos alunos e suas leituras em uma turma de 3º ano de uma escola municipal de Campo Grande. Destaca-se a relevância desse trabalho, uma vez que aquisição do conhecimento através do vídeo é diferenciada, procurando assim perceber como o aluno constrói o sentido do texto ao assistir o vídeo e depois ao ouvir a leitura feita pela professora. Para tal, baseamo-nos nas leituras de Dehaene, Jou & Sperb, Leffa e Napolitano. Acreditamos que as atividades tenham contribuído no processo cognitivo e na construção do conhecimento dos alunos.

**Palavras-chave:**

**Alfabetização. Cognição. Conhecimento. Sequência didática.**

**1. Introdução**

A importância da construção do conhecimento dos alunos do ensino fundamental faz com que os professores procurem as melhores metodologias para formar leitores. Foi pensando nisso que essa sequência didática foi elaborada, com o objetivo de promover o acesso a diversos tipos de leituras, levando o aluno à construção do conhecimento, estimulando assim o desejo pela leitura e novas formas de ler.

A sequência didática foi desenvolvida em uma escola municipal de Campo Grande-MS, com alunos do 3º Ano do Ensino Fundamental I, e faixa etária entre 8 e 9 anos.

Para esse desenvolvimento cognitivo dos alunos, pensou-se em ati-

vidades diferenciadas para o acesso à leitura. Aqui descreveremos os passos dessa sequência didática, os acontecimentos em sala de aula e seus resultados.

O livro escolhido para essas atividades foi *Os fantásticos livros voadores de Modesto Máximo* (2012), de William Joyce, que conta a história da personagem Modesto Máximo, um senhor apaixonado por livros, que perde tudo em um furacão. Depois disso passa os seus dias a cuidar de um espaço que tudo indica ser uma biblioteca. Como o livro é direcionado para o público infantil e tem como objetivo incentivar a leitura, a biblioteca onde ele vai parar é um lugar mágico com livros que têm vida. Como essa é uma obra que fala sobre a importância dos livros na vida das pessoas, a fantasia é sua marca registrada, as personagens – que na grande maioria são os próprios livros – se divertem, dançam, comem, dormem e até leem-se a si mesmos.

Este livro foi adaptado para o cinema em 2011, vencendo o Oscar de Melhor curta de animação de 2012. No filme podemos ver os livros em movimento além da trilha sonora que prende a atenção do telespectador. Outro detalhe chama a atenção para o filme: não há diálogo e nem narração verbal. Fazer com que as crianças entendam o a história passada no vídeo, antes de ler o livro, é um dos grandes desafios dessa sequência.

Esse artigo será composto por duas seções. A primeira trata da importância do conhecimento cognitivo e como esperamos levar o aluno a compreender as diferentes leituras realizadas em sala. Fala também sobre a importância da leitura feita por um adulto, desde o nascimento da criança, quando seu cérebro está em desenvolvimento e absorvendo tudo o que os adultos estão fazendo, até a leitura feita pelo professor em sala de aula, quando o aluno ainda está em fase de aprendizagem e nem sempre consegue ler com as pontuações e entonações necessárias para um bom entendimento do texto.

Nesta primeira seção, discutimos também o uso do cinema em sala de aula e como usar essa ferramenta para despertar a imaginação do aluno, envolvendo-o com o visual, músicas e cores, em uma linguagem multissemiótica bem diferente da experiência de ler o livro.

Já na segunda seção, falaremos sobre as atividades desenvolvidas, as aulas, como foi a compreensão dos alunos e o que eles conseguiram entender do vídeo e do livro.

Para tal, baseamo-nos nas leituras de Dehaene (2012), Jou & Sperb (2006), Leffa (1996) e Napolitano (2003).

## **2. A construção do conhecimento cognitivo**

Desde os primeiros meses de vida, o cérebro da criança é preparado para ler. Segundo Dehaene:

O desenvolvimento linguístico e visual da criança, antes mesmo que ela aprenda a ler, joga, um papel essencial na boa preparação do cérebro para a leitura. (DEHAENE, 2012, p. 214)

Por isso a leitura nos primeiros anos de vida é essencial, iniciando-se no ambiente familiar e, em seguida, pela educação formal escolar.

Quando a criança chega na escola, o professor dos primeiros anos escolares do ensino fundamental tem a obrigação de ensiná-la a ler e além disso, ensiná-la a gostar de ler. Para isso atividades que envolvam a cognição faz parte do cotidiano, fazendo-a compreender o que está lendo o mais cedo possível. Para Leffa (1996, p.13), “A ênfase não está no processo da compreensão, na construção do significado, mas no produto final dessa compreensão.”. Quando a criança lê e compreende o que está lendo, ela consegue imaginar, entrando no mundo da leitura.

É de grande importância para o desenvolvimento desta competência a leitura feita pelo professor em sala de aula. Como já sabemos, as crianças, em processo de alfabetização, ainda não conseguem respeitar as pontuações e dar a entonação que cada texto precisa para ter sentido. É através da leitura feita pelo professor, de textos diversos, que a criança percebe como se deve ler para dar sentido ao texto.

A leitura na escola tem um papel social muito importante, pois é por meio dela que o estudante tem a garantia de uma aprendizagem efetiva. É com a leitura que todas as áreas do conhecimento são estimuladas. O papel da escola na formação social do indivíduo gira em torno da leitura e da qualidade dos textos escolhidos pelos professores. Quando o texto é lido de modo eficiente, ele alcança todas as suas funções sociais.

Historicamente pode-se dizer que há na teoria da leitura um movimento, que vai de uma ênfase inicial no texto, passa depois para uma ênfase no leitor e chega-se finalmente a uma ênfase no contexto social. (LEFFA, 1999, p. 2)

A escola deve buscar enriquecer o conhecimento cognitivo dos seus

alunos e isso se dá quando este tem contato com diversos tipos de leituras. Por isso não podemos deixar de citar os diversos veículos de comunicação em que essa leitura alcança o seu leitor, como é o caso dos vídeos, textos de celulares e televisão. Contudo, não se pode esquecer de filtrar conteúdos, estimulando o leitor a saber procurar o melhor para que não se detenha em leituras fáceis, que não enriquecem seu vocabulário, nem ampliam a construção de sentido, como é o caso de alguns livros que chegam ao mercado com uma linguagem muito simples para cativar o leitor.

Na escola os livros didáticos e paradidáticos eram preparados para cada série do ensino primário e secundário, seguindo rigorosamente as fórmulas de inteligibilidade, com as fronteiras bem delimitadas, não se permitindo, portanto, qualquer sobreposição de uma série para outra. Fora da escola, onde não era possível a estratificação, buscava-se um leitor universal, de competência genérica, forçosamente nivelando-o por baixo. Para atingir a esse leitor, artigos e livros já publicados eram reescritos - com maiores ou menores recortes e condensações - e republicados em linguagem mais simples, às vezes com grande sucesso, como atestam as grandes tiragens... (LEFFA, 1999, p. 3)

Para a formação desse leitor o professor procura trabalhar em sala de aula diversos livros, de diversos gêneros textuais, com atividades cognitivas de leitura que envolvam os alunos, levando-os a compreensão do que está lendo e para que está lendo.

Foi pensando em verificar o nível de compreensão dos alunos de um 3º ano que a sequência didática deste artigo foi elaborada. Primeiramente, foi necessário observar se esses alunos conseguem entender um filme em que não contém diálogo e nem narrador, apenas o personagem vivendo suas aventuras. Em seguida, elaborar perguntas para que eles pudessem falar o que entenderam de um texto incomum, em uma estrutura diferenciada, em que o leitor deve concentrar suas atenções na personagem e o que acontece ao seu redor, sem ter ninguém para narrar ou até mesmo diálogo entre as personagens. Apesar de ser comum crianças assistirem filmes e vídeos desde cedo, a estrutura do filme que escolhemos apresentava um desafio para a percepção:

Os pesquisadores descobriram que crianças menores têm muita dificuldade em perceber anomalias num texto. Parecem partir sempre da premissa de que o texto não pode conter incoerências. Quando as incoerências tornam impossível a apreensão da mensagem põem a culpa não no texto, mas em si mesmas. (LEFFA, 1996, p. 56)

Textos diferentes dos que os alunos estão acostumados geram dúvi-

das e insegurança, porém quando se trata de um vídeo, a criança não consegue muitas vezes perceber que está acontecendo a leitura e a aprendizagem. Para que esse conhecimento cognitivo aconteça, o professor deverá ter em mãos os mais diversos recursos para estimular o aluno, pois como já sabemos, o aprendizado é mais sistematizado quando o aluno participa e se envolve, quebrando muitas barreiras que existem em relação à leitura.

Ultimamente o vídeo é uma das ferramentas mais utilizadas no auxílio das aulas, pois consegue muitas vezes envolver o aluno, fazendo com que ele fique concentrado e interessado. A sétima arte, como é conhecida, se bem utilizada, pode auxiliar o professor no processo cognitivo do seu aluno, estimulando-o a aprender e a compreender o conteúdo estudado. Saber o que fazer com o filme, direcioná-lo ao objeto estudado, é muito importante. Quando falamos que a escola tem um papel social na construção do indivíduo, podemos dizer que o cinema também contribui para essa formação social, levando o aluno a lugares que, muitas vezes, ele não terá a oportunidade de conhecer, levando-o a ter acesso às teorias e estudos, que estão muito longe de seu cotidiano familiar ou até mesmo social.

Trabalhar com o cinema em sala de aula é ajudar a escola a reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana e elevada, pois o cinema é o campo no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte. (NAPOLITANO, 2003, p. 11)

O que não podemos deixar de esclarecer é que o cinema muitas vezes é usado de modo inadequado na escola, sem nenhuma função educacional, apenas para preencher lacunas ou falta de professores. Por esses motivos é que muitas vezes o cinema não é bem-visto pela comunidade escolar, pois trazer o vídeo sem objetivo específico não contribui para o ensino da criança.

Outro ponto é imaginar que o vídeo sozinho vai se encarregar da função educacional, pois este é apenas uma das muitas ferramentas que o professor tem a seu alcance na hora de desenvolver as atividades. Segundo Napolitano (2003, p. 15) “Uma das justificativas mais comuns para o uso do cinema na educação escolar é a ideia de que o filme ‘ilustra e ‘motiva’ os alunos desinteressados e desmotivados para o mundo da leitura”. Porém, o autor deixa claro que o problema da educação não se restringe apenas ao desinteresse dos alunos com a leitura, mas em diversas outras situações institucionais. O vídeo é apenas um suporte para que o aluno alcance mais facilmente o conhecimento cognitivo, quando este é motivado e se interessa pelo assunto, mais terá o seu saber sistematizado.

Quanto mais elementos da relação ensino–aprendizagem estimularem o interesse do aluno e quanto mais a alfabetização no sentido tradicional da expressão, estiver avançada, tanto mais o uso do cinema na sala de aula será otimizado. (NAPOLITANO, 2003, p.16)

Quando se fala em saber sistematizado, não se pode deixar de direcioná-lo à leitura, pois é através dela que o aluno chega aos saberes sociais e históricos. No entanto, é necessário estimular os alunos a compreender linguagens para além da linguagem verbal. Para isso, o cinema torna-se ferramenta indispensável na educação escolar.

### **3. Sequência didática**

As atividades desenvolvidas nesta sequência didática buscam verificar a compreensão cognitiva dos alunos e como eles entendem os diversos tipos de leituras. Para desenvolver as atividades foram usadas o vídeo, a leitura e a produção textual.

#### **3.1. O filme *Os fantásticos livros voadores do senhor Modesto Máximo***

O curta-metragem *Os fantásticos livros voadores do senhor Modesto Máximo* (*The Fantastic Flying Books of Mr. Morris Lessmore*, 2011), dirigido por Brandon Oldenburg e roteirizado por William Joyce é uma adaptação do livro homônimo, escrito por este último. Como dissemos, a narrativa fílmica não apresenta diálogos ou narração verbal, tendo apenas música ao fundo e a construção da montagem como desenvolvimento da trama. Assim, nosso primeiro desafio era observar se os alunos conseguiriam entender a história, sem ler o livro antes. Foram elaboradas várias perguntas para que os alunos pudessem responder depois de assistir ao curta-metragem.

O que o homem estava fazendo na sacada? O que aconteceu com ele e com as casas? O que ele fez quando o vento parou? Quem ele encontrou pelo caminho? Em que lugar ele foi para? Foram algumas das perguntas feitas aos alunos. O que mais chamou atenção nessa fase da atividade foi a compreensão dos alunos, pois eles conseguiram entender quase todo o filme.

Apenas dois pontos foram os que mais ficaram em dúvida. O primeiro foi em relação ao lugar onde a personagem Modesto Máximo foi parar.

Quando acontece o furacão, as casas e o senhor Modesto saem voando; quando o furacão passa, eles caem de volta. Neste ponto, os alunos não conseguiram entender que era o mesmo lugar, que apenas estava tudo destruído por causa do furacão, as respostas foram diversas e a maioria disse que ele tinha ido para outro mundo.

O segundo ponto que gerou dúvidas está relacionado à passagem do tempo. No filme, quando mostra o tempo passando eles não conseguiram entender que o tempo foi apenas o suficiente para mostrar o senhor Modesto envelhecer. Alguns deles imaginaram que passou mais de cem anos e um até disse que foi mais de mil anos.

Nesta atividade, os alunos apenas responderam as perguntas, contudo posso afirmar que essa sequência poderia ter sido encerrada aqui. A compreensão foi muito além das expectativas, muitas vezes, no decorrer do ano, tivemos leituras bem menos proveitosas. Portanto, podemos dizer o quanto o vídeo pode envolver o aluno levando-o assim a um entendimento que muitas vezes a leitura feita por eles ou pela professora não alcança.

### ***3.2. A leitura do livro *Os fantásticos livros voadores do senhor Modesto Máximo, feita pela professora****

Quando iniciamos a leitura do livro, os alunos já estavam ansiosos, porque queriam saber se tinham entendido o que haviam assistido. A leitura foi feita em um primeiro momento, sem pausas, para mostrar as ilustrações, pois eram as mesmas do filme. Porém, a leitura foi interrompida diversas vezes pelos alunos, que queriam comentar algum ponto que eles não tinham visto no filme.

Ao terminar a primeira leitura do livro, a professora passou as páginas para que eles pudessem ver as imagens e também tirar algumas dúvidas sobre os pontos diferentes do filme. As mesmas perguntas feitas depois do filme foram repetidas nesta fase, porém obtendo respostas mais seguras por parte dos alunos, já que eles julgavam ter compreendido a história completamente.

Os dois pontos que geraram dúvidas na atividade anterior não foram sanados nesta. Tanto a questão do lugar em que o personagem foi parar, quanto o tempo que passou na história. Então, foram explicados os pontos que geram as dúvidas, perguntando se uma pessoa vive mil anos, por

exemplo, e relacionando a idade da personagem com seus parentes, como por exemplo, os avós e até mesmo bisavós.

Já sobre a questão do lugar foi explicado que o fato das casas terem caído de cabeça para baixo e estar tudo sem cor pode ser porque o filme quis retratar mais o sentimento da pessoa do que a realidade do furacão.

### ***3.3. Descobrimo palavras desconhecidas***

Depois das duas atividades desenvolvidas anteriormente, fizemos uma atividade de reconhecimento de vocabulário. Fizemos outra leitura, agora para que eles pudessem prestar atenção nas palavras que não conheciam. Nesta atividade podemos observar dois exemplos de atividades cognitivas citadas anteriormente. A primeira é “usar o contexto para descobrir o significado de uma palavra desconhecida” e a outra é “procurar o significado de uma palavra no dicionário” (LEFFA, 1996, p. 48). Os dois pontos são importantes, porém não se pode deixar de ressaltar que em nenhum momento os alunos deixaram de entender a leitura por causa do vocabulário, ou seja, eles usaram o contexto do texto para saber o significado das palavras desconhecidas, sem perceber que estavam fazendo isso, já que no decorrer de toda atividade não se pode dizer que eles não entenderam o texto.

Não é o conhecimento do vocabulário que melhora a compreensão, mas uma outra ou outras variáveis associadas ao vocabulário. Essas variáveis associadas podem ser, por exemplo, a capacidade de identificar o contexto, acionar o conhecimento de mundo relevante, estabelecer conexões com diferentes partes do texto. A causa da melhor compreensão do texto estaria, assim, não no domínio do vocabulário, mas na presença dessa variável. (LEFFA, 1999, p. 6)

Para selecionar as palavras desconhecidas os alunos foram ouvindo a história e anotando como sabiam as palavras no caderno. Ao final da leitura, perguntamos quais eram as palavras que tinha anotado e escrevendo no quadro para que assim formassem um banco de palavras. Em seguida, foi distribuído para cada aluno um dicionário e uma palavra para que eles pudessem procurar. As palavras e seus significados foram anotados no quadro e cada aluno copiou em seu caderno.

As palavras selecionadas para essa atividade fazem parte de outro trabalho desenvolvido em sala que terá como resultado um dicionário da turma com todas as palavras que geraram dúvidas no decorrer do ano em diversas outras atividades.

### **3.4. Transformando o livro em história em quadrinhos**

Depois de viver duas versões da mesma história e perceber que uma boa leitura pode ser feita através de diversos meios, os alunos foram desafiados a montar uma história em quadrinho com o livro. Porém nessa produção não poderia ter os famosos balões, ou seja, as personagens não tinham fala. O objetivo dessa atividade foi levar o aluno a desenvolver a história e conseguir fazer com que o leitor, assim como ele, entenda-a através dos quadrinhos, sem narrador e sem diálogo.

Não podemos deixar de lembrar que estamos trabalhando com alunos em fase de alfabetização. Como isso, muitos deles ficam confusos com a elaboração das Histórias em Quadrinho, como por exemplo a sequência dos acontecimentos da história. Essa atividade exigiu um planejamento dos alunos, pois eles receberam uma folha A4 em branco para organizar a sua história. Primeiro, o aluno deveria lembrar de todos os fatos, o que nem todos conseguiram. Depois pensar em quantos quadrinhos a sua história deveria ser contada e, em seguida, separar os quadrinhos para que não sobrassem espaços em branco, o que não aconteceu com todos os alunos, pois alguns dividiram a folha em uma malha quadriculada. Vale destacar que já estudamos as Histórias em Quadrinhos esse ano, por isso os alunos já sabiam que as HQs nem sempre são todas iguais e que o autor tem autonomia de dividi-los conforme o desenvolvimento da história.

Como antevimos, os alunos nem sempre lembravam da história toda, por isso ficou à disposição deles no decorrer dessa atividade os dois exemplares do livro, o da professora e o da escola. Muitos folhearam o livro para verificar trechos que não lembravam mais ou estavam com dúvidas.

O que se pode dizer dessa atividade é que envolveu planejamento, empenho e a reconstrução de uma história. Essa atividade envolveu os alunos, não só no desenho, mas também na busca na memória de conhecimentos já estudados, como é o caso de como desenvolver uma história em quadrinhos. Fez com que os alunos juntassem uma história contada de maneiras diferentes em uma terceira forma de ler, assim descobrindo que as histórias, independentemente de como elas são contadas ou que meios o autor usou para contá-las, são de grande importância para o seu desenvolvimento e conhecimento.

### **3.5. Fazendo a própria biografia**

Como percebemos no desenvolver dessa sequência didática, o livro inicia com a personagem escrevendo a sua biografia e termina com ela pronta. Foi pensando nisso e percebendo que os alunos não tiveram dificuldade em descobrir esse fato que essa atividade foi desenvolvida para finalizar este trabalho.

Os alunos deveriam fazer uma produção de texto com sua biografia. Em um primeiro momento, foi discutido com os alunos o que é uma biografia, por mais que não tenha nas orientações pedagógicas o estudo do texto biográfico com os alunos do 3º ano, eles já sabem que tipo de gênero é esse, devido às diversas atividades desenvolvidas durante o ano.

Depois de lembrado e devidamente explicado, a professora pediu que eles escrevessem a sua biografia, o que gerou certa dúvida em alguns alunos. Em geral, eles não sabiam o que escrever ou selecionar o que era realmente importante. Isso resultou em alguns textos com apenas duas linhas.

A atividade inicia com o aluno tendo que lembrar alguns fatos marcantes da sua vida, em um segundo momento fazer um rascunho desta biografia e em terceiro momento, na sala de informática, digitar seu texto para que eles consigam perceber seus próprios erros e ajudar na correção.

## **4. Considerações finais**

As atividades relatadas neste artigo mostram como se pode envolver o aluno em sua aprendizagem, principalmente quando o assunto é leitura. É essencial trazer para o desenvolvimento pedagógico do educando o contato com a leitura diária não apenas por meio de livros, mas também com ferramentas diversas que estão disponíveis para o uso do professor e que colaboraram em chamar a atenção dos educandos para o que eles estão aprendendo.

O audiovisual como ferramenta para auxiliar nas aulas de literatura vem ajudando os professores. O cinema faz parte do cotidiano, ele envolve e leva o aluno a entender melhor o conteúdo.

O entendimento dos alunos em relação a história deixa claro que quando trabalhado envolve a turma o aprendizado é alcançado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DEHAENE, Stanislas. *Os neurônios da leitura – como a ciência explica nossa capacidade de ler*. Porto Alegre: Grupo Penso, 2012.

JOYCE, William. *Os fantásticos livros voadores de Modesto Máximo*. Trad. de Elvira Vigna. Rio de Janeiro: Rocco Pequenos Leitores, 2012.

JOU, Gabriela Inchausti; SPERB, Tania Mara. *A metacognição como estratégia reguladora de aprendizagem*. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2006

LEFFA, Vilson J. *Aspectos da Leitura*. Porto Alegre: Sagra: DC Luzzatto, 1996.

LEFFA, Vilson J. Perspectivas no estudo da leitura; Texto, leitor e interação social. In: LEFFA, Vilson J. ; PEREIRA, Aracy, E. (Orgs). *O ensino da leitura e produção textual: Alternativas de renovação*. Pelotas: Educat, 1999.

NAPOLITANO, Marcos. *Como usar o cinema em sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2003.

Vídeo: *The Fantastic Flying Books of Mr. Morris Lessmore* <https://www.youtube.com/watch?v=wDkfhwRlcZw>, acesso em 18/01/2014.